

## **Sertanejas Conectadas: autonomia e subjetivação a partir dos usos do *Facebook* por mulheres no sertão do Piauí<sup>1</sup>**

**Tamires Ferreira Coêlho<sup>2</sup>**

**Universidade Federal de Minas Gerais**

**Ângela Cristina Salgueiro Marques<sup>3</sup>**

**Universidade Federal de Minas Gerais**

### **Resumo**

Este artigo busca discutir alguns aspectos relativos aos usos e apropriações da rede social *Facebook* por mulheres no Sertão do Piauí. Partimos de uma pesquisa de doutorado em andamento cujo objetivo é analisar como esses usos e apropriações por parte das sertanejas podem contribuir para a construção de sua autonomia e de sua subjetivação política. A partir do diálogo entre matrizes teóricas europeias e latino americanas, correlacionamos as interações e experiências online das mulheres aos conceitos de autonomia (WARREN, 2001; REGO; PINZANI, 2013) e de subjetivação (FOUCAULT, 1995; RANCIÈRE, 2004). Nossa construção metodológica é embasada em uma combinação entre a netnografia (KOZINETS, 2002; 2010) e a *Grounded Theory* (ALLAN, 2003), articulando procedimentos de coleta de dados como entrevista, observação participante e elaboração de diário de campo. Percebemos, preliminarmente, que o *Facebook* é importante para a constituição da subjetivação política, que combina três processos interligados: a produção de testemunhos e argumentos, o aparecer através de imagens e a desidentificação.

**Palavras-chave:** Facebook; Sertão do Piauí; Mulheres; Autonomia; Subjetivação.

### **Introdução**

Este artigo busca refletir acerca das possibilidades de construção da autonomia e da subjetivação política a partir dos usos e apropriações da rede social *Facebook* por sertanejas piauienses, mais especificamente, em cidades de diferentes portes, na região formada pelos municípios de Acauã, Conceição do Canindé, Guaribas, Lagoa do Barro, Paulistana, Queimada Nova, São Raimundo Nonato e Simplício Mendes.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 7 – Novos Meios e Novas Linguagens, do VIII Simpósio Nacional da ABCiber, realizado pelo ESPM Media Lab, nos dias 03, 04 e 05 de dezembro de 2014, na ESPM, SP.

<sup>2</sup>Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social na UFMG; Mestre em Ciências da Comunicação pela UNISINOS; Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela UFPI com sanduíche na UMinho (Portugal); Membro dos grupos de pesquisa Processocom e GRIS; e-mail: tamiresfcoelho@gmail.com.

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Mestre e Doutora em Comunicação pela mesma instituição; e-mail: angelasalgueiro@gmail.com.

Entendemos que é relevante pesquisar como as mulheres de uma região com tantas carências comunicacionais, que tiveram contato recente com a TV e a internet – a partir da expansão da oferta de energia elétrica no Sertão –, têm a possibilidade de conexão com boa parte do mundo utilizando uma rede social tão disseminada quanto o *Facebook*. Mas, além disso, é igualmente relevante investigar como se constitui a existência digital dessas mulheres e que tipo de expressão de si as permite tomar a palavra e ganhar rosto diante de outros indivíduos.

A preferência por pesquisar mulheres, neste recorte inicial de nossa pesquisa de doutorado, se dá porque o Sertão é uma região marcada por traços culturais ainda muito atrelados ao machismo e a tradições patriarcais. Ainda há locais, como na cidade de Guaribas-PI, em que o uso de redes sociais por mulheres passa pelo crivo dos maridos ou companheiros, que muitas vezes mantêm seus perfis online e não permitem elas criem os seus.

Apesar de podermos visualizar um contexto de maior autonomia financeira das mulheres, a partir da renda obtida por meio de benefícios do governo federal, isso não significa que a haja plena igualdade, ou que a desigualdade de gênero tenha se extinguido. As mulheres pobres, em sua grande maioria, são invisíveis, têm sua palavra e seus corpos desvalorizados, encontrando inúmeros obstáculos para a conquista da cidadania e do reconhecimento social (SOUZA, 2006; MARQUES, 2007), seja por sua condição estigmatizada de pobreza, seja também por uma questão de desigualdade e assimetrias de gênero.

Assim, considerando um contexto de injustiças econômicas e simbólicas no qual as mulheres têm mais facilidade de acesso à informação e estão conquistando uma maior independência, inclusive financeira, instiga-nos pensar como os usos e apropriações das redes sociais podem nos oferecer pistas acerca de processos de constituição da autonomia, da cidadania e/ou de práticas de resistência contra a cultura sexista que ainda prevalece no Sertão, revelando também marcas de sua subjetivação<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> O processo de subjetivação, como será evidenciado mais adiante está relacionado à presença dessas mulheres em redes sociais como o *Facebook*, às suas falas, bem como às imagens que produzem e difundem e que podem ser caracterizadoras do que é feminino, atravessando suas práticas cotidianas e sua linguagem, inclusive em produções fotográficas, como *selfies*.

Não podemos desconsiderar em nossa proposta que a popularização das novas tecnologias de comunicação e do acesso à internet são elementos de um cenário em construção. Mesmo sem acesso pleno à internet, em uma região na qual a maioria das residências ainda não conta com um computador conectado à rede, as *lan houses*, telecentros e outros estabelecimentos públicos são alternativas cada vez menos utilizadas após a disponibilidade do sinal (ainda que precário) de telefonia móvel. A adesão da população sertaneja às redes sociais virtuais também tem crescido e, apesar de a rede *Facebook* já existir desde 2004, o crescente uso dessa plataforma em pequenas cidades do Sertão piauiense ainda pode ser considerado um fenômeno recente, potencializado com a chegada dos celulares e *smartphones*. Hoje, é possível encontrar mulheres no Sertão que têm acesso aos aparelhos de telefonia móvel e que não têm sequer energia em suas residências.

Podemos mencionar o quão importante a realização de uma pesquisa feita com mulheres, nesse cenário ainda marcado pelo patriarcado e por uma cultura sexista, e que leva em conta as possibilidades de autonomia e de cidadania que podem emergir a partir das suas interações via redes sociais digitais. É interessante destacar o forte potencial criativo da cultura sertaneja de empreender, resistir e inovar, em uma produção constante de formas originais de vencer obstáculos cotidianos. Prova disso são as alternativas desenvolvidas por algumas mulheres para driblar as dificuldades de acesso comunicacional, como o uso dos celulares em residências ainda sem energia elétrica, dependendo de deslocamento para recarregar as baterias dos aparelhos telefônicos. Essa não é uma iniciativa isolada no Sertão e pode ser comparada a outros tipos de apropriação existentes nessa região, como a adaptação de energia solar em locais que ainda não têm distribuição de energia elétrica e a fabricação artesanal de conversores para o uso de computadores em locais distantes de perímetros urbanos. Acreditamos que essas, dentre outras táticas, podem sinalizar para ações políticas criativas, diante das adversidades que as sertanejas enfrentam diariamente na região em que vivem. Entretanto, sabemos que a dimensão institucional que dá origem a grande parte dessas adversidades não pode ser esquecida nem apagada via defesa do protagonismo e do mérito individual.

Consideramos importante pesquisar fluxos, relações e dinâmicas no cenário digital, os quais impactam direta ou indiretamente indivíduos em praticamente todos

os lugares do mundo, mas se dão de maneira diferenciada em cada contexto. Além disso, há nesta pesquisa um potencial em contribuir para uma reflexão acerca da construção de relações sociais e os modos de uso do *Facebook* a partir de mulheres situadas em um contexto de pobreza política<sup>5</sup>, com competências específicas e singularidades. Há possibilidade de analisar como a cultura local interfere nesses usos e apropriações, a partir de uma articulação inovadora de conceitos, recuperando o conceito de autonomia na literatura feminista, e com uma combinação metodológica específica para nosso objeto.

Além de obtermos inspirações e de buscarmos conceitos na matriz teórica europeia, por meio de teóricos como Foucault, Rancière e Honneth, também ressaltamos a possibilidade frutífera de entrelaçá-la à matriz teórica latino americana, representada aqui por teóricos como Galindo Cáceres, Martín-Barbero e García Canclini, a partir de uma necessidade que constatamos em nosso objeto. Apesar das distinções entre essas matrizes, é possível achar pontos convergentes como: a noção de autonomia que inclui a autorrealização dos sujeitos, as possibilidades de as técnicas de si gerarem transformações nos sujeitos e em seus contextos (PELBART, 2013, p. 231); a subjetivação que leva em conta aspectos de argumentação e dramatização criativa para a produção de sujeitos plurais e emancipados (LAZZARATO, 2014, p. 92), e a ideia de “mundos possíveis”, de Galindo Cáceres (1998), que parte da ideia de que podemos associar uma variedade de mundos conhecidos (ou de versões possíveis de mundo) em lógicas de comparação, controvérsias e reflexão.

Entendemos a necessidade de pesquisar os fenômenos comunicacionais não somente a partir de dados quantitativos relativos ao uso dos dispositivos técnicos, mas relacionando esses dados aos usuários desses dispositivos, às práticas comunicativas, às formas de interação, e aos lugares e culturas atrelados a esses fenômenos. Essas duas matrizes teóricas podem se encontrar a partir do momento em que a produção da autonomia e da subjetivação se dá em cenas de dissenso que envolvem uma dramatização catártica, melodramática, sensível e, ao mesmo tempo, a identificação de novas possibilidades de construção e partilha de um mundo comum, de mundos

---

<sup>5</sup> A pobreza política estaria ligada à ausência de “capacidade” de participação democrática e deliberativa, não podendo ter suas preocupações ouvidas e realmente consideradas (BOHMAN, 1997).

possíveis. Assim, observar como as redes sociais estão inseridas em contextos culturais que as circundam e interferem em suas práticas nos parece essencial para melhor compreendê-las.

### **Facebook e Ciberespaço: atravessamentos e “mundos possíveis”**

Galindo Cáceres, quando fala de mundos possíveis, ressalta o aparecimento de vínculos horizontais que tornam ainda mais complexa a sociedade, a partir de novas formas de contato e de relação, bem como de construção da vida social (1998). Assim, a partir de uma circulação informacional, permitida pelo ciberespaço, a vida social “pulsa” mais do que antes: a internet é a metáfora vital das possibilidades do que o autor chama de “multinteratividade” (GALINDO CÁCERES, 1998, p. 7).<sup>6</sup> É importante ressaltar que a internet não apaga as assimetrias comunicativas, mas que há uma potencialidade de surgimento de relações horizontais (ou menos verticais), com a ampliação das possibilidades de interações digitais múltiplas.

Acreditamos que a ideia de que cada sujeito ou sujeita possa viver nos mundos que pode criar, a partir de recursos disponíveis para reconfiguração da sua percepção da vida (GALINDO CÁCERES, 1998, p. 8) perpassa também a questão da autonomia e da subjetivação, atravessando concepções de autorrealização e de agência, bem como da matriz que baseia esses mundos (a percepção de mundo real do sujeito baliza sua imaginação e sua criatividade) (LAZZARATO, 2014). Mundos possíveis dizem sobretudo de como as “técnicas de si” vão permitir aos indivíduos mudar condutas e pensamentos por si mesmos (PELBART, 2013, p. 231).

Entre as décadas de 1970 e 1980 Foucault caracteriza a subjetivação a partir dos procedimentos por meio dos quais um indivíduo se “apropria de si”, transformando-se em sujeito de suas próprias práticas e construindo a si mesmo a partir de uma perspectiva ética que se busca distanciar-se das regulações e normatividades do Estado. É esse entendimento de subjetivação que é descrito por meio de noções como “cuidado de si” e “técnicas de si”, que Foucault apresenta para enfatizar a capacidade que os indivíduos possuem de “efetuar, por si mesmos, um

---

<sup>6</sup> “Um cenário único, com novos protagonistas, a lógica comunicativa de uma vida horizontal, do diálogo, da interação e do enriquecimento a partir de contribuições mútuas”: é assim que Galindo Cáceres enxerga a rede de relações gerada pela internet, com menores possibilidades de controle central, formando uma “cibersociedade” (1998, p. 9).

certo número de operações sobre o seu corpo, sua alma, seus pensamentos e condutas de modo a produzir neles uma transformação” (1984, p.785). O poder produz sujeitos a partir do momento em que conhece a fundo as técnicas de si e, ao mesmo tempo, constrange sua utilização. Ainda assim, o sujeito foucaultiano é aquele que possui uma vida capaz de condutas, de ações e de utilizações criativas e subversivas/insubmissas das técnicas de si. Seria um sujeito capaz de criar e projetar heterotopias e mundos possíveis.

Sabemos que há possibilidades de controle, bem como relações de poder nas interações via internet, no entanto é preciso enfatizar que as relações entre os sujeitos alcançaram chances maiores de proximidade e de horizontalidade, se compararmos o ciberespaço com os meios de comunicação tradicionais. As possibilidades de visibilidade também aumentaram com a conexão em rede, a probabilidade de o sujeito se expressar e de ser visto por outros no ciberespaço. Consideraremos em nossa pesquisa tanto as possibilidades de visibilidade e de expressão das sertanejas a partir de redes sociais, como o *Facebook*, quanto as limitações dessa interface.

Considerando que “múltiplas e complexas redes sociais se desenvolvem a partir de diferentes estratégias relacionando ‘mundos’ que às vezes são considerados distantes entre si” (Silva e Gonzaga, 2005, p. 04), o *Facebook* hoje tanto atravessa (e é atravessado por) sociedades e coletivos intensamente conectados por diversos meios de comunicação quanto por sociedades com carências comunicacionais, como a região do Sertão piauiense. Mais especificamente sobre o *Facebook*, van Dijck (2011, p. 160) explica que, enquanto uma plataforma de mídia social, essa rede social composta por um espaço onde interesses privados, públicos e corporativos competem para produzir novas normas de sociabilidade e conectividade. Dessa forma, ocorre um fenômeno social muito maior, ligado à mudança das normas sociais para a comunicação e para o debate, à transformação das normas legais relativas à esfera privada e à privacidade (com a publicação de conteúdos que antes seriam de âmbito privado), e à reformulação de modelos de negócios convencionais (2011, p. 161). Isso se dá graças a um fluxo contínuo de comunicação informal – ideias, interesses, gostos, desgostos, boatos, ruídos e notícias – que é gerado por essas plataformas digitais e está tornando-se um novo espaço substancial de comunicação, considerando que as

plataformas estão sempre inacabadas, evoluindo constantemente, como verdadeiros “motores sociotécnicos de tendências em comunicação” (VAN DIJCK, 2011, p. 161).

De maneira similar a teóricos da cibercultura, van Dijck (2011) enfatiza as mídias e redes sociais digitais como meios para um potencial desenvolvimento de vínculos entre sujeitos, ideias e objetos, mais do que simplesmente facilitar conexões. Por outro lado, há uma intensa mineração de dados, um monitoramento constante dos adeptos do *Facebook* cujas preferências e características são observadas pela equipe gestora da plataforma, fluxos de dados que serão convertidos em informações coletivas e personalizadas, a partir de rastros dos usuários (p. 168). Há uma série de questões relacionadas a essa face das plataformas, tendo em vista que boa parte dos proprietários de perfis no *Facebook* não tem uma noção palpável do quanto se expõe e oferece informações que serão capitalizadas pela plataforma a partir de suas interações em rede com outros usuários. É preciso, então, considerar que, além de novos modos de sociabilidade, redes sociais como a que estamos pesquisando também são influenciadas por fatores sociopolíticos, legislações por demandas de mercado.

A renovação da teoria sobre as redes sociais, segundo van Dijck (2011), para utilização na modificação de normas legais ou de sistemas político econômicos não poderia almejar um modelo analítico que gerasse resultados a partir de determinadas lógicas das redes. Não seria suficiente. É preciso considerar que elas estão em permanente evolução e modificação, atravessando os processos comunicativos de maneira complexa, inclusive abarcando normas preexistentes de comportamento e de interação e desafiando-as simultaneamente (VAN DIJCK, 2011, p. 165). Modos de comportamento e práticas culturais não podem ser dissociados dos usos nem dos mecanismos que constituem as redes sociais.

Os aspectos culturais interferem nas interações, na formação de laços sociais e no processo de repercussão social. Compartilhamos com Castells (2003, p. 34) a ideia de que “a cultura é uma construção coletiva que transcende preferências individuais, ao mesmo tempo em que influencia as práticas das pessoas no seu âmbito”. Dessa forma, podemos associar Castells a García Canclini quando este cita que “as práticas culturais são, mais que ações, atuações. Representam, simulam as ações sociais, mas só às vezes operam como uma ação” (GARCÍA CANCLINI, 1997, p. 350).



Acreditamos que pesquisar as mediações mais que os meios é também investigar, sobretudo, a cultura imbricada nos processos comunicacionais, de forma a considerar conhecimentos e reconhecimentos. “Um reconhecimento que foi, inicialmente, operação de deslocamento metodológico para rever o processo inteiro da comunicação a partir de seu *outro* lado, o da recepção, o de resistências que aí têm seu lugar, o da apropriação a partir de seus usos” (MARTÍN-BARBERO, 1987, p. 10).

### **Subjetivação e Autonomia**

A autonomia, de modo geral, não está relacionada ao individualismo ou à auto-suficiência. Ao invés disso, sua construção é intersubjetiva e exige competências comunicativas originadas nas redes interativas que as pessoas estabelecem umas com as outras. O sujeito autônomo é capaz de, primeiro, olhar para a sua trajetória de vida como algo que possui continuidade, permitindo-o projetar objetivos futuros e organizar o presente tendo em vista tais objetivos. E, segundo, ele é capaz de fazer “um exame crítico de si mesmo e dos outros, de se engajar em processos de troca de razões e chegar a julgamentos que defende através de argumentos” (WARREN, 2001, p.172).

Sob esse aspecto e, em nosso caso específico, a autonomia se refere à capacidade das mulheres sertanejas decidirem por si sobre o que é melhor para elas, a partir de uma condição de agência, tendo em vista o benefício de direitos que por vezes podem lhes ser negados, seja por conta do estigma que envolve a condição de pobreza, ou por conta de uma desvalorização de gênero que ainda salta aos olhos na região em que vivem. Esse aspecto leva em conta também o enfrentamento de carências estruturais e materiais (MARQUES, 2007) que caracterizam seu contexto.<sup>7</sup>

É possível afirmar, então, que a autonomia envolve, de um lado, a busca pelo autoconhecimento e pela autorealização via constituição da identidade e autonomia política e, de outro, a tensão que se estabelece entre o desenvolvimento de capacidades comunicativas e os constrangimentos (institucionais, simbólicos, políticos, econômicos, etc.) que minam as possibilidades de transformação do sujeito

---

<sup>7</sup> A questão da construção da autonomia também diz respeito aos agenciamentos, como explicamos na seção teórica, e poderia relacionar-se com a metáfora dos vaga-lumes de Didi-Huberman (2011), à medida que há possibilidades de haver posturas questionadoras, resistentes ou de insatisfação na busca pela autonomia, ainda que parcialmente, por parte dessas sertanejas.



em interlocutor paritário, moralmente digno de ser considerado e reconhecido como cidadão (MARQUES, 2007; WARREN, 2001).

Dessa forma, entendemos que as pequenas formas de resistência, as opiniões divergentes e os projetos de vida que não se encaixam no que é “tradicional”, “aceitável” ou “comum” em um dado contexto, podem sinalizar para potencialidades de autonomia feminina, que podem se expressar através de seus usos e apropriações de redes sociais. É válido ressaltar que os usos dessas sertanejas são mediados não só pela própria tecnologia, mas também pela cultura, afinal ela é “o conjunto de modelos de pensamento e de conduta que dirigem e organizam as atividades e produções materiais e mentais de um povo, em sua tentativa de adaptar o meio em que vive a suas necessidades” (CORTINA, 2005, p. 148). Sabemos que os aspectos culturais tanto incidem sobre os modos de uso e apropriação de dispositivos e tecnologias quanto são impactados por esses usos, constituindo imaginários. Galindo Cáceres (1998) nos ajuda a pensar, de maneira similar a Cortina, em uma situação possibilitada pela cibercultura na qual mundos podem ser criados e vividos a partir de recursos disponíveis para reconfiguração da percepção da vida.

Partimos aqui de uma concepção de cidadania como ação, como possibilidade de mobilização, de forma que a cidadania comunicativa seria constituída para os sujeitos de direito e de demanda, no exercício desse direito. Nesse sentido, a autonomia dessas mulheres estaria atrelada a uma percepção da vida a partir de novas possibilidades (criação e vivência de mundos possíveis) e a um projeto de vida feliz, associado à capacidade de enxergar os outros e a si mesmas como “titulares de direitos e possuidores de deveres” (REGO; PINZANI, 2013, p. 57).

Não deixamos de estabelecer uma relação entre a condição de agência autônoma da mulher sertaneja e uma subjetivação que ocorre por meio da ruptura com os lugares fixados, com os nomes classificadores impostos a cada indivíduo (RANCIÈRE, 1995). Se pensarmos, junto com Rancière, que “a política seria responsável por perturbar a forma policial de partilha do sensível, que define a inscrição dos sujeitos em comunidade a partir de uma determinada distribuição de qualificações, espaços e competências” (MARQUES, 2013, p. 130), não nos parece que as interações no *Facebook*, por exemplo, estavam previstas no “script”, no que é esperado para mulheres pobres, que vivem no Sertão nordestino – algumas delas

inclusive sem acesso à energia elétrica. Parece-nos produtivo pensar, ainda que preliminarmente, nas possibilidades de recusa do papel de marginalizada, em prol de um papel de quem também quer ter direito ao consumo midiático disponibilizado em rede, de quem quer mostrar seu rosto e seu corpo em uma *selfie*, de quem quer interagir por meio de redes sociais.

Ao sujeito é dado um nome definido pela partilha (pelo tomar parte) de tempos e espaços, tanto na sua forma de ação quanto na passibilidade correspondente a essa ação. De acordo com Rancière (1995), se há algo de próprio na subjetivação política, ele consiste na relação, que não é uma relação entre sujeitos, mas entre dois termos contraditórios que definem um sujeito. Com isso, Rancière quer dizer que quando um sujeito corresponde a apenas um nome, ele se dilui sob o controle de uma ordem consensual. Mas quando um sujeito se percebe entre vários nomes, atravessado por um excesso de palavras, fica mais difícil controlá-lo, classificá-lo, atribuir-lhe apenas um lugar, um nome, uma visibilidade e um rosto. Sob esse aspecto, Rancière ressalta que, por subjetivação entende-se “a produção, por uma série de atos, de uma instância e de uma capacidade de enunciação que não eram identificáveis em um campo de experiência dado, cuja identificação e aparência (aparecer) está ligada à reconfiguração do campo da experiência” (1995, p.59).

O “aparecer” é algo muito importante nesse contexto, considerando que “nada e ninguém existe neste mundo cujo próprio ser não pressuponha um espectador” (ARENDRT, 1995, p. 17). A aparência, sendo um colocar-se em cena diante de um palco, percebido por diversos espectadores (ARENDRT, 1995), nos ajuda a entender a importância do compartilhamento de imagens com exposição de rosto e de corpo de muitas mulheres do Sertão piauiense, passando por uma construção de sua própria aparência, parecendo para outros de uma determinada forma e não de outra.

As interações via rede social seriam então parte de um processo maior, que tem visibilizado e modificado em alguma medida a vida dessas mulheres, que passam a questionar muitas vezes o lugar que lhes é atribuído, a condição de “sem parte”<sup>8</sup>,

---

<sup>8</sup> Não consideramos aqui os “sem parte” como pessoas pobres ou socialmente marginalizadas. Embora essas pessoas possam estar nessa condição, ser “sem parte” é estar desfavorecido em um dispositivo de partilha do sensível, é não poder tomar parte do comum por causa do que faz, do papel social que lhe é imposto (RANCIÈRE, 2009).

havendo a possibilidade de se desviarem dessa tentativa de homogeneização dos sujeitos através de nomes, fazem parte de processos de subjetivação.

### **Possibilidades Metodológicas**

Pretendemos observar os usos e apropriações das mulheres sertanejas contatando-as tanto em nível presencial – questionando sobre como elas utilizam o *Facebook* –, quanto em nível digital – atentando para as interações, conteúdos e ferramentas usadas online. Através da pesquisa empírica buscamos entender o que seria realização e autonomia para essas mulheres, a partir de uma aposta que a rede social supracitada pode ajudar a construir sujeitos naquele contexto (a partir de experiências que ganham novos contornos com a plataforma do *Facebook*), mas não perdendo de vista que esses processos não se iniciam com as redes sociais, a construção de autonomia e de subjetivação precede a chegada das tecnologias digitais.

Nesta pesquisa, preliminarmente, selecionamos como método central a netnografia, associada a ferramentas da teoria fundamentada (*Grounded Theory*), tendo em vista entender como as práticas relacionadas à rede social *Facebook* podem trazer novos aspectos para a subjetivação e autonomia das mulheres no Sertão do Piauí. Acreditamos que essa combinação pode nos ajudar a criar uma estrada, por onde caminharemos observando práticas das mulheres<sup>9</sup> sertanejas em sua complexidade, a partir de conexões que se estabelecem entre suas ações em âmbito virtual e em âmbito presencial.

Netnografia, na perspectiva de Robert Kozinets (2002), é uma adaptação do estudo etnográfico às comunidades virtuais. O autor diferencia a netnografia de outros métodos, à medida que ela aborda os processos comunicacionais digitais de maneira ampliada, “como interações sociais, como expressões cercadas de significado e como artefatos culturais” (KOZINETS, 2010, p. 6), considerando, portanto, a dimensão simbólica que atravessa essas interações. Amaral, Natal e Viana (2009, p. 3-4) pontuam que o método netnográfico não seria uma mera transposição da etnografia para desenvolver pesquisas a partir de interações mediadas por computadores porque

---

<sup>9</sup> Preliminarmente, já percebemos que a maioria das mulheres que têm perfil na rede social é de jovens (adolescentes e adultas) que têm um nível de escolaridade mínimo (ensino fundamental).

as dinâmicas envolvidas em interações virtuais podem ter suas especificidades, no que concerne aos objetos analisados e à relação pesquisador-objeto.

Escolhemos a netnografia como método central porque pretendemos fazer uma observação, em âmbito digital, de forma a evitar constrangimentos em relação às formas de apropriação e de uso cotidiano da rede social, o que provavelmente aconteceria caso monitorássemos presencialmente esses usos. Com uma coleta de dados através de *printscreens* (capturas de tela) do conteúdo digital e também por meio de observações registradas em um diário de campo, pensamos ser possível um monitoramento que apreenda mais “espontaneamente” as práticas das sertanejas, seja através da publicação de *selfies*, seja a partir de postagens que evidenciem questões políticas, ou através da identificação de cenas de dissenso nas interações digitais, por exemplo, que nos indicam elementos de autonomia e de subjetivação. Além disso, uma potencialidade da netnografia é a sua proposição de procedimentos de análise e de um planejamento desses procedimentos para contato com o fenômeno investigado, no entanto sem a necessidade de limitação a formas fixas e rígidas nesse processo. Assim, essa flexibilidade nos permite incorporar procedimentos de outros métodos, na tentativa de uma apreensão mais densa da complexidade que envolve nosso problema de pesquisa.

Para complementar o método netnográfico, optamos por incorporar procedimentos inspirados na teoria fundamentada ao nosso desenho metodológico. Estamos desenvolvendo uma pesquisa exploratória (pesquisa piloto) ancorada na netnografia e em uma perspectiva crítica<sup>10</sup> da teoria fundamentada, considerando o potencial deste último método em despertar no pesquisador uma “sensibilidade teórica” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011; ALLAN, 2003) e em fazer emergir conceitos a partir de condições específicas do fenômeno social (CORBIN; STRAUSS, 1990). Assim como Fragoso, Recuero e Amaral (2011), não consideramos que, na teoria fundamentada, o pesquisador vá a campo sem nenhum tipo de conhecimento prévio, libertando-se de suas pré-noções, mas acreditamos na

---

<sup>10</sup> A perspectiva crítica da *Grounded Theory* considera que “as observações realizadas pelo pesquisador não são independentes dos conceitos e teorias com as quais ele teve contato no decorrer de sua experiência” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 90), de forma que as experiências prévias do pesquisador auxiliem na pesquisa de campo, mas não pré-determinem o que será encontrado, deixando os dados empíricos demandarem as teorias conforme as especificidades do objeto investigado.

retroalimentação entre o empírico e sua análise, nas questões emergentes de uma coleta flexível que gere possíveis categorias analíticas, permitindo que “os dados encontrados em campo também guiem a teorização” (p. 111). Assim, partindo de uma primeira experiência empírica mais flexível e mais aberta ao que nosso objeto tem a nos dizer, acreditamos na possibilidade de as sertanejas nos apontarem elementos que ainda não estejamos considerando nesta pesquisa, que possam nos demandar outros conceitos teóricos e outras reflexões.

Utilizamos um roteiro de entrevistas na pesquisa que pode não ser rigorosamente seguido, já que, a cada entrevista podem ser descobertos novos e interessantes aspectos para a análise, bem como surgir novas inquietações – sem perder de vista os objetivos iniciais da pesquisa e, concomitantemente, acrescentando questionamentos pertinentes que porventura surgirão nos movimentos exploratórios. Temos o cuidado de configurar um questionário que nos auxilie a limitar as narrativas, a fim de extrair das entrevistas dados importantes para nossa pesquisa, focando nos usos e apropriações da rede social e na busca por práticas que envolvam posicionamentos, formas de expressão e ideais de autorrealização exprimidos por essas piauienses. Assim, buscaremos entender como o *Facebook* poderia ajudar (ou não) nesse sentido. É válido ressaltar que teremos um cuidado com a linguagem, para adequar nossas perguntas ao vocabulário das sertanejas, bem como buscamos estratégias para intervir, para direcionarmos as falas das entrevistadas aos nossos objetivos de pesquisa.

### **Considerações Preliminares**

Dentre nossas constatações, neste início de pesquisa, está o fato de o *Facebook* ser importante para a subjetivação das mulheres sertanejas, através da expressão de si performanda na visibilidade do corpo e do rosto delas. Esse aparecer é algo que nos instiga a pensar de que forma elas constroem imagens de si, como elas querem aparecer para os outros, interagindo com eles de modo autônomo e paritário.

Pretendemos também averiguar posteriormente como são construídas relações com outras pessoas via *Facebook*, bem como compreender o processo de subjetivação envolvido nas interações que envolvem textos verbais e imagens. Não se trata apenas de uma questão de aparecer na rede da mesma forma como todo mundo aparece, mas

também da rede social como símbolo das possibilidades de as sertanejas se configurarem enquanto interlocutoras.

Além disso, esses usos fazem com que essas mulheres estejam presentes em um espaço que elas não habitam usualmente, que vai além das fronteiras de suas casas, de suas comunidades, de suas cidades e do próprio Sertão. A construção de mundos possíveis, ainda que virtuais e que vão além das fronteiras, está dentro de possibilidades que o *Facebook* oferece e dentro de perspectivas ligadas ao contexto presencial com que elas têm contato cotidianamente. Então, mesmo a perspectiva de uma realidade melhor, vai passar por aspectos vivenciados por ela na região do Sertão do Piauí, reafirmando elementos culturais. Assim, torna-se imprescindível pesquisar de que forma a cultura local/regional interfere nos usos dessa rede social e como os usos do *Facebook* incidem nessa cultura.

### Referências

- ALLAN, George. A critique of using grounded theory as a research method. **Electronic Journal of Business Research Methods**, v. 2, n. 1, p. 1-10, 2003.
- AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Apontamentos metodológicos iniciais sobre a netnografia no contexto pesquisa em comunicação digital e cibercultura. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, n.32, 2009**, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Intercom, 2009.
- BOHMAN, James. Deliberative Democracy and Effective Social Freedom: capabilities, resources, and opportunities. In: \_\_\_\_\_.; REHG, William (Ed.). **Deliberative democracy: Essays on reason and politics**. Cambridge: MIT press, 1997.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Trad. Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 3ª ed.
- CORBIN, Juliet; STRAUSS, Anselm. Grounded Theory Research: Procedures, Canons and Evaluative Criteria. **Qualitative Sociology**, v. 13, n. 1, 1990.
- CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania**. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola, 2005.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Trad. Vera Casa Nova; Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- FOUCAULT, Michel. "O sujeito e o poder". In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. (eds.). **M. Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Rorense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. Les techniques de soi. In: DEFERT, Daniel; EWALD, François; LAGRANGE, Jacques. *Dits et écrits*. 1954-1988. Paris: Gallimard, 1984.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de Pesquisa para a Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

G1. **Brasil ultrapassa 50 milhões de usuários no Facebook, diz pesquisa**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/06/brasil-ultrapassa-50-milhoes-de-usuarios-no-facebook-diz-pesquisa.html>>. Acesso em: ago. 2013.

GALINDO CÁCERES, Jesús. Cibercultura, Cibercidad, Cibersociedad: Hacia la construcción de mundos posibles en nuevas metáforas conceptuales. In: **Intexto**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 1, n. 3, jan./jun. 1998.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Heloísa Pezza Cintrão; Ana Regina Lessa. São Paulo: EDUSP, 1997.

KOZINETS, Robert. The Field Behind the Screen: Using Netnography for Marketing Research in Online Communities. In: **Journal of Marketing Research**, 2002. Não paginado.

\_\_\_\_\_. **Netnografia: A arma secreta dos profissionais de marketing**. 2010. Disponível em: <[http://kozinets.net/\\_oneclick\\_uploads/2010/11/netnografia\\_portugues.pdf](http://kozinets.net/_oneclick_uploads/2010/11/netnografia_portugues.pdf)>. Acesso em: ago. 2011.

LAZZARATO, Maurizio. **Signos, máquinas, subjetividades**. São Paulo: Sesc; n-1 edições, 2014.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. **O processo deliberativo a partir das margens: o programa Bolsa-Família na mídia e na fala das beneficiárias**. Tese (Programa de Pós-graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2007.

\_\_\_\_\_. Três bases estéticas e comunicacionais da política: cenas de dissenso, criação do comum e modos de resistência. **Revista Contracampo**, n. 26, p. 126-145, 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones**. México: Gustavo Gilli, 1987.

PELBART, Peter Pál. **O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento**. Trad. John Laudenberger. São Paulo: n-1 edições, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. Le tort: politique et police. In: **La Méésentente: politique et philosophie**. Paris: Galilée, 1995.

RANCIÈRE, Jacques. **Aux bords du politique**. Paris: Gallimard, 2004.

\_\_\_\_\_. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Exo/Ed.34, 2009.

REGO, Walquiria Leão; PINZANI, Alessandro. **Vozes do Bolsa Família: autonomia, dinheiro e cidadania**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SILVA, Regina Helena Alves da; GONZAGA, Milene Migliano. Redes Culturais em Territórios Urbanos. In: **V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom**. NP Comunicação e Culturas Urbanas, 2005.

SOUZA, Jessé. **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

VAN DIJCK, José. Facebook as a tool for producing sociality and connectivity. **Television & New Media**, p. 160-176, 2011.

WARREN, Mark. **Democracy and Association**. Princeton/New Jersey: Princeton University Press, 2001.